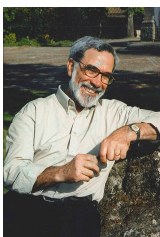


**Discurso da aposentação  
proferido em 17 de Dezembro de 2003  
na festa de homenagem**



Senhora Reitora, caros amigos

Estou reformado desde Outubro. Não se nota, mas estou. Quis o meu departamento promover esta homenagem para marcar a entrada numa nova fase da minha vida profissional.

No programa, que vi num e-mail, li com espanto que me tinha sido atribuída (sem consulta) a tarefa de fazer uma palestra. Palestra? Há quanto tempo não faço palestras (no sentido estrito)!

Que fazer? Que dizer a um grupo de amigos que deixou os seus trabalhos para estar aqui?

Pensei em dar alguns contributos para a história deste departamento, na minha perspectiva pessoal, claro – desisti por não julgar o momento

adequado. Fica para outra vez, está prometido. Como vêem não é fácil livrarem-se de mim.

A segunda opção foi fazer um tipo de “última aula” e falar sobre uma das minhas paixões – o ensino da matemática: “quarenta anos de ensino de matemática – ontem e hoje”.

Não, não me reformei por estar cansado de dar aulas, pelo contrário, deixar de dar aulas foi de facto uma autoflagelação. (Cabe aqui um parêntesis para perguntar: porquê a reforma?)

Porque o meu amigo Zé Vitória, conhecendo-me de há muito, me telefonou a dizer para preparar os papéis, pois estava em vias de ficar sem 11% na pensão de reforma, caso não fizesse o pedido de aposentação até fim de 2002.

Retomando o fio à meada, que dizer-vos hoje?

Nos últimos quinze dias, nos momentos vagos, tenho folheado textos dispersos: biografias de matemáticos ilustres, filosofia da educação, ensaios sobre ideias do nosso tempo, poesia, etc, à procura de uma luzinha. Meteram-me num grande sarilho, os meus amigos.

E ontem decidi, bem ou mal, não sei, que iria dar-vos UM POUCO DE MIM. Espero não ser maçador e perdoem-me desde já omissões. Todos com quem trabalhei, com quem aprendi: colegas, alunos, funcionários, amigos, estão aqui, ainda que não citados.

Murtoseiro, terceiro de sete filhos, educado com princípios rígidos, basicamente de natureza moral e religiosa, sob a batuta da Mãe – personalidade fortíssima – e a supervisão mais flexível do Pai (com uma grande alegria de viver). Trabalho, respeito pelos outros, boa educação e cumprimento estrito dos deveres religiosos (pelo máximo) – valores e normas que não admitiam transgressão (à vista, claro).

Fomos crianças normais. Éramos muitos e tínhamos muitos vizinhos. Andámos à bofetada, à pedrada, jogámos ao pião, à piorra, à bilharda de uma roda e de duas rodas, ao berlinde, ao salta-três-voador, ao eixo, futebol com bola de trapos, às escondidas, aos “cow-boys”, sei lá que mais. O que sei é que nunca houve lugar para aborrecimentos por não ter que fazer.

Li tudo o que me foi permitido requisitar, quer na biblioteca itinerante da F. Gulbenkian, quer na biblioteca municipal.

Desde cedo foi-nos inculcado um dever – antes de adormecer, era obrigatório fazer um exame de consciência sobre os acontecimentos do dia. Que sistema pesado de controlo-à-distância!

António Damásio poderia discorrer sobre os mecanismos da consciência. Naquele tempo o enquadramento era outro.

Terminada a Escola Primária a D<sup>a</sup> Amelinha (penso que ainda vive), belíssima professora e rigorosa sugeriu aos meus Pais que, na linha do que já sucedera com os meus irmãos mais velhos, eu deveria prosseguir estudos.

Como terceiro que era, a decisão foi simples. Vais, mas a regra é: se reprovares acaba o Estudo, vais trabalhar.

Dos dez aos dezassete frequentei o Liceu de Aveiro. As opções a fazer no 5º ano e no final do secundário (7º ano) não foram muito difíceis: segui a escolha que o meu irmão Zé Maria já tinha feito. Tinha a vantagem de ser mais económica.

Em Coimbra integrei três direcções do CADC, de 59 a 62, pertenci ao chamado “grupo do Padre Miguel”, na altura gente perigosa. Dei catequese em Coselhas, a uns quilómetros da cidade, assistia regularmente os “meus” pobrezinhos (muito pobrezinhos) da Conferência de S. Vicente de Paula, fui praxado e praxei, participei na vida académica da época. Membro da Comissão cultural da Queima das Fitas em 60/61 tive, nessa qualidade, a oportunidade de conhecer pessoalmente Miguel Torga, no seu consultório da Portagem, onde nos recebeu. Em 1961/62, ano de finalista, fui o representante pedagógico do curso de Matemática.

Nesta qualidade promovi o que, no dizer do doutor Manuel dos Reis foi “a primeira reunião de que há memória” dos estudantes com todo o corpo de professores catedráticos do departamento – só uma vez foi autorizada a participação de um não-catedrático – o doutor Luís de Albuquerque. Que me lembre houve três reuniões.

Os únicos que falavam nestas reuniões eram eu e o próprio doutor Manuel dos Reis. Eu, para dizer ao que ia, ele para me questionar e testar.

Comecei aí a desenvolver algumas aptidões de preparação de reuniões em função dos objectivos a atingir. Preparava a reunião e respectiva estratégia no bar das Letras com o doutor Luís de Albuquerque que me dava conselhos e sugestões. Falava a seguir com cada um dos professores à excepção do doutor Manuel dos Reis, que temia, e finalmente ia obter o apoio do Reitor, na altura o doutor Braga da Cruz.

Datam também desta altura as minhas primeiras decepções relativamente ao conceito elevadíssimo que tinha de professor universitário (sobre isto não entro em pormenores).

O ano de 1962 foi um “ano da brasa”, mereci, com os meus colegas de CADC e de grupo o epíteto elogioso de “peixes vermelhos que nadam em água-benta”, nos verrinosos “Cadernos de Manuel Anselmo”. Foi um ano extremamente rico e de muita aprendizagem.

Formei-me em seis de Outubro de 1962, dia de anos da minha Mãe.

Quando uns dias depois passava na Porta Férrea para ir tratar do certificado de curso encontrei-me com o doutor Luís de Albuquerque que me perguntou o que pensava fazer. Disse-lhe que iria fazer o serviço militar e concorrer para o ensino liceal. Nada disso, me diz, vais ficar aqui no Departamento, pois o Simões Pereira e o Amílcar já estão na F. Gulbenkian (é que não tinha havido dinheiro para os contratar e eu iria ocupar o lugar deixado pelo Graciano que tinha ido, se não me engano, para o serviço militar). E, espantado, sem nunca ter pensado no assunto, entrei na Universidade e lá permaneci quarenta anos. Novembro de 62, quatro disciplinas, trinta horas semanais. Como era “pouco” juntei-lhes o curso de russo científico (desisti a

meio) e fui trabalhar para o Centro de Cartografia Antiga com os doutores Luís de Albuquerque e Armando Cortesão.

Foi muito duro esse ano. Para não adormecer e poder preparar as aulas, metia os pés numa bacia de água fria. Novato, inexperiente e ignorante tinha um medo de falhar e uma certeza, movida pelo brio: não falharia. A minha pedagogia era definida por analogia ou por oposição às experiências que tinha tido enquanto aluno. Era para mim fundamental uma relação muito aberta e leal com os alunos.

Por altura da Páscoa de 63 correu um papel a pedir inscrições para os Estudos Gerais Universitários de Moçambique (EGUM), acabados de criar. Quem fosse tinha direito a uma ano de adiamento do serviço militar.

Inscribi-me de imediato.

Em 26 de Setembro de 1963 rumei a Moçambique como assistente da UC, em comissão de serviço. A minha experiência africana foi muito rica. O choque social dos primeiros contactos levou-me a formar, em princípios de 64, um grupo de trabalho multirracial para mostrar que era possível a convivência entre todos, independentemente da cor, da cultura e da religião. Voluntarismo e ingenuidade.

A guerra viria a rebentar em Setembro de 64.

Catorze meses de grande dinamismo no arranque dos EGUM e volto para a recruta (acabaram-se os adiamentos), primeiro em Tavira e em Abril de 65 no Lumiar com serviço no Campo Grande. E é aqui que o Santo António, o Miguel, não o de Lisboa, me apresentou uma menina de olhos grandes e doces, aluna das Belas Artes, que me provocou um baque, e me fez passar alguns dos meses mais difíceis de sempre, a roer unhas e a fumar e a roer-me de indecisão – falo, não falo? Falei ... e com alguma dificuldade consegui o SIM ao namoro (outros tempos, não é?).

Eram 21h 50m do dia 17 de Novembro de 1965. (Estamos a poucas horas de fazer 38 anos e 1 mês, ou seja, 457 meses de namoro.) Muito indeciso, mas quando pego, não largo mais. Era a Milú, claro!

Volto a Moçambique como oficial, termino o serviço militar em Dezembro de 67 e retomo as funções regulares de assistente.

De 66 a 69 sou responsável pelas Matemáticas Gerais do curso de Agronomia e Silvicultura de que tenho aqui (penso eu) representantes. De 69 a 72 estive na Universidade de Paris VI a fazer estudos de controlo óptimo de sistemas governados por e.d.p. sob a orientação de Jaques Louis Lions.

Que época esta! O ambiente do pós-Maio 68 respirava-se em todo o lado, na rua e nas faculdades.

Estudei muito, li muito, vi como se trabalhava num centro de excelência.

Tinha-me sido dado há pouco tempo o problema de investigação para tentar resolver quando fui informado de que deveria regressar e que já me tinham sido atribuídas três disciplinas (no 1º semestre). Regressei a Moçambique em Outubro de 72.

Os ventos de Maio 68 tinham-me feito reflectir em muitas coisas e entre elas a avaliação e a sua função selectiva. Vinha decidido a boicotar o tipo de avaliação que fazia até aí, considerado bastante exigente. Mas andava inquieto e em pleno voo de regresso assaltou-me uma ideia, de modo recorrente: todo o chefe incompetente é um déspota em potência. Vi o quadro da então Universidade de Lourenço Marques, a sua população dominante e decidi que a avaliação seria de facto exigente, se possível mais do que era até aí. E expliquei isto mesmo aos meus alunos. Foi nesta altura que tive como colaboradores os colegas Zé Vitória e Manuela Sobral.

Vim de Paris armado contra todos os dogmatismos e com a percepção clara de que um professor não pode, em certo sentido, ser neutro e o espaço de aula ainda que de matemática não pode ser apenas um espaço de exercício tecnocrático e competente de saberes. É um espaço de entusiasmo e de criação de autonomia e de responsabilidade. Cada aula tem que ser um pequeno contributo para mais cidadania. E é isto que justificará sempre a necessidade do professor, ainda que avancemos em força para as novas tecnologias e para os campus virtuais.

Estive para vir abrir o Departamento de Matemática da Universidade de Aveiro em Julho de 74, segundo carta do Reitor Vítor Gil em resposta a uma minha de Fevereiro. O 25 de Abril alterou esta previsão.

Após o 25 de Abril decidimos ficar. Ficáramos por mais algum tempo. Ver nascer um País é uma coisa rara e colaborar, pouco que fosse, nesse nascimento, mais raro ainda.

Mais uma vivência forte. Em meados de Maio já estava a constituir uma equipa para criar o Centro Popular de Alfabetização (via Paulo Freire) com o apoio dos Democratas de Moçambique. Destinava-se este centro a formar formadores de alfabetização. Foram três anos loucos e apaixonantes. Podia faltar tudo menos motivação. Regressei em Setembro de 77 para poder garantir um lugar na função pública, no Quadro Geral de Adidos.

Vim visitar o meu amigo Casimiro Ferreira, que me apresentou ao Professor Pedro Braumann (recentemente falecido e cuja memória quero recordar). Estava-se em plena discussão do modelo a adoptar para a formação de professores – pretendia-se um modelo inovador.

Fui convidado a participar no seminário de discussão, o que aceitei. Comecei cedo, como vêm, a colaborar com esta Universidade.

Em Novembro de 1977 fico oficialmente ligado à UA, em regime de requisição ao QGA. No mesmo dia entrou como assistente o nosso saudoso José Sousa Pinto. A partir daí os nossos percursos foram marcados por uma sólida amizade e grande colaboração em todas as actividades e iniciativas de renovação do departamento.

Em 78 comecei um curso de Topologia com avaliação para professores do ensino secundário – onze sábados a 4h por sessão. Foi o primeiro dos onze que se fizeram.

Em 1979 criei o grupo de reciclagem e formação para professores do ensino primário com Aurélio Fernandes do Liceu José Estêvão, Conceição Sá da Escola do Magistério Primário e Falcão Paredes da UA. Numa segunda fase

o grupo foi alargado, incluindo oito professores do ensino primário (actual 1º CEB).

Foram quase nove anos de acções que envolveram mais de três mil professores. Isto foi feito em nome e com o apoio de Departamento de Matemática e da SPM.

Em 1980/81 veio para o nosso departamento um jovem doutor cuja tese ganharia um prémio a nível mundial – o prémio Hausólder: Marques de Sá, aqui presente. Segundo Graciano de Oliveira tratava-se e talvez ainda se trate do maior prémio científico atribuído a um português, depois do Nobel de Egas Moniz. Andava eu a ler um artigo sobre Operadores de Mikusinski e Distribuições, quando Marques de Sá me desafia para fazer doutoramento sob a sua orientação. E deu-me oito dias para decidir. Aceitei. Com uma direcção superior e amiga, conseguiu disciplinar-me o suficiente para me obrigar a estudar apesar das acções de formação que continuei a fazer e das aulas, que sempre dei. E doutorei-me em fins de 87. Entretanto Marques de Sá já tinha regressado a Coimbra, Pedro Braumann voltou a Lisboa e Sousa Pinto tinha ido para a Faculdade de Economia de Coimbra (julgo que em 86) por razões perfeitamente compreensíveis. A Maria Beatriz passou-me a direcção do Departamento três semanas depois.

Tratei rapidamente de fazer diligências para que o Sousa Pinto regressasse, o que veio a acontecer aproximadamente um ano depois.

E agora é a história mais recente. A saga da construção de um departamento. A aposta na formação pós-graduada – PAPCC, mestrados e doutoramentos. Entretanto o recurso regular a professores colaboradores – 6 por semestre.

Definição, com a Reitoria, de uma política coerente de desenvolvimento, a construção do novo edifício, a contratação de professores.

A partir dos fins de 88 tudo foi definido com o Sousa Pinto e com os nossos assistentes de carreira e requisitos.

O sector administrativo mereceu-nos uma atenção especial, pois é fulcral para o bom funcionamento de um serviço. Fomos pioneiros na informatização. Tivemos o primeiro programa de contabilidade (feito pelo Pedro Vilarinho), bem como um programa de gestão de pessoal e de stocks. Apesar de frequentes divergências, no essencial tivemos sempre o apoio da Reitoria e do Conselho Científico. Confesso que nunca fomos um departamento fácil, mas fomos sempre um departamento que trabalhou lealmente com os Órgãos de Gestão.

Em 1989 criei com o Batel e com a Paula Carvalho o projecto Matemática Ensino que aí está cheio de projectos e viçoso. Desenvolvemos ainda múltiplas acções com as Escolas.

O ano de 1993 foi o ano da viragem definitiva com a contratação de oito doutores. Começámos a ter capacidade de atrair doutores novos e com autonomia para desenvolverem investigação.

Em paralelo, o nosso investimento começava a dar fruto. E hoje são mais de trinta. Temos Unidades de Investigação, temos Projectos, temos mestrados. Mas é preciso estar-se atento, inovar, inovar sempre, abrir-se cada vez mais ao exterior. A qualidade deve ser um objectivo permanente, a exigência

conosco e com os estudantes não pode diminuir. Não se pode permanecer estático: a sociedade mudou, os estudantes não são mais os de há 20 anos; têm valores como nós tínhamos. Temos que ir ao seu encontro, como diz Rolland Barthes, temos que estabelecer comunicação.

Caminhamos para uma sociedade cada vez mais exigente que esmagará os imprevistos.

Temos enormes manchas de exclusão de que não podemos alhear-nos.

Temos de ter um departamento coeso, forte na sua diversidade, com núcleos de excelência quer no ensino, quer na investigação, quer na gestão.

Eu vou, entre outras coisas, voltar à alfabetização.

Quero destacar referências fortes do meu caminhar de professor: Luís de Albuquerque, Renato Pereira Coelho, a Unidade de Análise Numérica de J. L. Lions (Paris VI) e Marques de Sá, meu mestre e meu amigo.

Milú, Hugo, Tânia e Lara que sempre me apoiaram e alguma coisa sofreram com o meu exílio no departamento, um grande beijinho.

Aos meus amigos, colegas, alunos e ex-alunos, funcionários da Universidade que quiseram vir aqui, um grande abraço de amizade e bem-hajam.

Mas o tempo, apesar das nuvens, é de esperança. Assim,

.....

Anda no ar um perfumado cheiro  
A terra revolvida;  
O vento emudeceu;  
O sol desceu;  
A primavera vai chegar, florida.

Miguel Torga, Diário XI, 1969  
(extracto de "Anunciação")

Muito obrigado a todos

17/12/03